

O "EX-LIBRIS" E O EMBLEMA DA BIBLIOTHECA NACIONAL

A Bibliotheca Nacional acaba de mandar abrir em madeira o seu *ex-libris*, e também o seu emblema, para com elles marcar os volumes das numerosas e ricas collecções que possui. Um e outro estampa em suas paginas o *Kósmos* de hoje.



Dos desenhos foi autor o sr. Elyseu Visconti, nosso conhecido artista; da gravura encarregou-se o sr. Cattaneo.

Nas obras do fundo mais antigo da nossa livraria publica, quer dizer, nas que foram parte da bibliotheca real portugueza, depois nucleo d'aquella, não se vê nunca por signal de propriedade outra marca que não seja o carimbo impresso, com variantes de desenho e a letra *Da Real Bibliotheca*. Nos que, de proveniencia estranha, nella depois se incorporaram, nesses sim, algumas vezes se nos depara o simples rotulo sem tarja, ou com tarja singela, e o nome do possuidor do livro. De *ex-libris* artisticos, gravados, pequeno é o numero que ali se nota; a todos, porém, excedem no merecimento os que para o bibliophilo lusitano Diogo Barbosa Machado abriu em cobre o gravador flamengo Francisco Harrewyn, que os fez em Lisboa, onde então trabalhava, no anno de 1730.

Constituida a Bibliotheca Nacional, conservou ella o mesmo uso do carimbo. Nada mais natural, desde que só se tratava de uma utilidade; apenas se cogitava de estabelecer uma garantia, e para garantia dessa especie nenhum meio melhor do que esse.

Comtudo, a utilidade não é inimiga do bom gosto: podem coexistir juntos; d'ahi o entender-se, e muito bem, que a exemplo de outras bibliothecas, e do que praticam muitos particulares, também a nossa tinha direito ao seu emblema e *ex-libris*.

O *ex-libris* escolhido filia-se ao chamado genero allegorico. Entre os estylos fixados pelos autores, notadamente os inglezes, que tem levado ao apuro o estudo d'esse ramusculo da biblio-iconographia, nenhum foi considerado como esse com tanta propriedade. Uns, archaicos, seriam por isso mesmo pretenciosos; outros não se adaptariam por graciosos e demasiado leves. Melhor seria o classicismo; mas classicismo *modernizado*, si nos permittem a expressão.

Mas analysemos as nossas reproducções.

A Bibliographia, que ainda não teve até hoje, que o saibamos, o seu logar na Iconologia, foi representada pelo artista sob a fórma de uma mulher. Não lhe cobre o corpo a classica tunica, mas desataviadas vestes communs. A sua attitudo é a da meditação: distrahidamente folheia o volume que lhe está proximo, e não tem consciencia, parece, de que tem na mão a penna com que naturalmente se aprestava para escrever. Rodeiam-n'a os livros: são os vehiculos das ideas, os instrumentos do estudo.

A nossa nacionalidade ahi se affirma physica e politicamente. Vemol-a na configuração da nossa terra, a salientar-se por traços parallellos, sobre o globo terrestre, de entre as demais da Sul America. Vemol-a ainda na estrella que figura ao alto, a brilhar intensamente. Circundando o globo, um crescente com o distico da Bibliotheca.

Concorrendo com o distico poderia apparecer qualquer mote ou divisa. Mas é da natureza d'esta exprimir tendencias, paixões, aptidões; tem, pois, uma feição pessoal, que não combinaria muito com o character impessoal de uma repartição publica. Assim foi melhor só se ler o titulo da Bibliotheca. E' simples e severo. A severidade nesse caso tem a sua razão de ser.

Grande parte dos mesmos motivos diversamente se congregam para a formação do emblema. Notamos demais,

unindo-os e pondo-os de harmonia, ramos entretrecidos de passiflora; as hastes mais fortes entrelaçam-se para dar as iniciaes NB em monogramma.

Não se dirá que é este o primeiro *ex-libris* ideado, desenhado e gravado no Brasil. De um sabemos nessas condições, anterior ao da Bibliotheca: é o de um artista que entre nós vive, o Sr. Bertrand Childe. D'elle tem a Bibliotheca um exemplar, que o mesmo lhe doou. Esse, porém, é do estylo hieroglyphico.

Assim, poderia ser o nosso quando muito o segundo; mas isso mesmo não temos elementos para affirmar. Em todo o caso o que se não pôde negar é ser elle um dos primeiros. De outro também temos noticia, e mesmo já o vimos, mas esse cremos foi feito na Europa: é o do Sr. barão do Rio Branco.

E só. De mais não sabemos. A iniciativa de agora virá—quem sabe?—lembrar ás instituições do mesmo genero a conveniencia de seguirem igual rumo.

Os particulares, e os ha, que têm a paixão dos livros e são donos de boas bibliothecas certo não deixariam de acompanhar exemplo tão animador.

Quasi não ha entre nós, manda a verdade dizer, quem cultive nos seus processos mais puros, e com brilhantismo, a difficil e nobre arte de gravura. E que ainda menos haverá quem tenha formado o gosto no estudo e contemplação dos innumeraveis modelos, que de seu saber e inspiração deixaram nesse particular mestres dos mais afamados, dil-o com toda a eloquencia dos algarismos a pequenissima frequencia



que tem a secção de estampas da Bibliotheca, aliás a unica collecção publica d'esta cidade. Mas apesar d'isso não haja receio que nos falem artistas, quando não faltar trabalho. Elles virão; surge o estimulo onde houver recompensa do esforço. Quem nos dirá si ainda não poderemos em nossos dias, após largos decennios de interrupção, ver continuada em nosso paiz aquella época do começo do seculo passado, tão fecunda e gloriosa para a nossa historia, na qual recebeu o Rio de Janeiro em seu seio, vindos da metropole, os seus primeiros gravadores?

Quem agora se collocasse em espirito naquelle tempo, certamente diria que se fundava então no Brasil a sua escola de gravura; haveria de dizer que no pequeno grupo homogeneo, Rivara, Eloy Casado, José Joaquim de Souza e outros, todos mais ou menos inspirados em Bartolozzi, não seria erro contar os primeiros mestres da nova arte introduzida no Brasil. Infelizmente assim não foi; esses mestres desapareceram e d'elles não ficaram discipulos. A gravura quasi só foi applicada ás necessidades do commercio e da industria. Breve sómente imperava a lithographia como suprema manifestação da arte. Com ella se fazia o retrato e o jornal illustrado; com ella se memoravam os episodios mais alevantados da nossa historia.

Devemos desesperar de ver um dia a gravura, entre nós, collocada no seu mais nobre papel, o de mais distincto meio de reproducção, o de auxiliar, de substituto da pintura? Certamente que não; os factos nos vão dizendo. E para terminar estas poucas linhas, não nos esqueçamos, os que por essas cousas tomamos interesse, as palavras erigidas como mote no seu *ex-libris* pelo grande artista Alma Tadema: *As the sun colours Flowers, so Art colours Life.*

Aurelio Lopes.